

NAS FESTAS DOS SANTOS DE PRETO:

Um olhar sobre o ritual festivo dos Catopês na cidade de Bocaiúva/MG

Jarbas Siqueira Ramos

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC/UFBA

Mestrando – Matrizes Estéticas na Cena Contemporânea – Or. Dr^a. Denise Maria Barreto Coutinho

Ator, Produtor Cultural e Professor do Curso de Artes/Teatro da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar resultado parcial dos estudos realizados durante o curso de Mestrado em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFBA. A pesquisa pretende, de maneira geral, realizar uma etnografia interpretativa do Ritual Festivo dos Ternos de Catopês da cidade de Bocaiúva, no Norte de Minas Gerais. Neste trabalho, a intenção é apresentar os Ternos de Catopês de Bocaiúva, bem como as primeiras observações acerca das Dinâmicas presentes nos Rituais Festivos. Essa pesquisa propõe ampliar o olhar das Artes do Espetáculo para o Ritual e para a Festa, a partir das contribuições da Etnocenologia, percebendo-os como temas relevantes para a atuação do pesquisador das Artes Cênicas.

Palavras-Chaves: Catopês. Festa. Ritual.

No contexto de investigação das manifestações culturais brasileiras, o Congado se apresenta como uma significativa expressão das identidades culturais, sendo encontrado em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás e Minas Gerais.

Para Lucas (2002), o Congado é uma manifestação de origem luso-afro-brasileira que, num processo de hibridismo cultural, tornou-se uma cultura de fronteiras ou, como aponta Martins (1997), uma cultura de encruzilhada. É nessa perspectiva ampliada que diversos estudos, assim como este, procuram compreender a manifestação congadeira e os aspectos históricos e estruturais dos grupos e festejos.

Segundo Saul Martins (1988), o relato mais antigo acerca da presença do Congado no Estado de Minas Gerais foi realizado por André João Antonil, que procurou descrever, em sua obra de 1711, os costumes dos negros escravos que elegiam reis, rainhas, juízes e juízas para a realização dos festejos em devoção a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

O Congado mineiro é composto por sete grupos que cumprem papéis diferenciados nos Rituais Festivos, sendo eles: Congos, Moçambiques, Marujos, Catopês, Vilões, Caboclos e Cavalhadas. No contexto congadeiro, estes grupos são chamados pelos termos “Guarda” ou “Terno”¹.

¹ Alguns estudiosos subdividem o Congado em Minas em oito categorias, tendo em vista reconhecerem o Candombe como um dos grupos representativos dessa manifestação. Entretanto, de acordo com a Mestre Lucélia (2009), os participantes dessa manifestação não consideram o Candombe como uma categoria

Os grupos de Congado, espalhados por diversas partes do território brasileiro, realizam festejos em devoção a santos católicos² por meio de uma expressão que mescla músicas, danças, coreografias e encenações, em uma prática ritual que se caracteriza pelo sincretismo religioso da cultura africana com os cultos do catolicismo popular. Para Mendes (2004),

Essa forma de manifestação religiosa é constituinte do *catolicismo popular* que engendra um sentimento de coletividade circundada por um arcabouço mitológico repleto de crenças e ritos, mas que não exerce sobre seus homens os mesmos desejos e obrigatoriedade ritual impostos pela estrutura eclesíastica, impetrada pelo catolicismo oficial. (MENDES, 2004, p. 56)

A religiosidade dos congadeiros é formada por seus mitos, ritos, dogmas e cerimônias, que fundamentam as suas visões de mundo e as suas ações dentro da manifestação. Para Mendes (2004), “esse sentimento de apego e devoção às entidades do mundo sagrado, e essa prestação aos ritos e às crenças, configuram a força de ligação do homem do Congado com seu mundo ideal” (MENDES, 2004, p. 57).

Os grupos de Congado possuem, em geral, uma constituição básica com elementos, funções e características específicas: o **Mestre** ou **Capitão** tem como função guiar os seus pares durante a realização dos Rituais Festivos da manifestação, além de preparar seus participantes para o cumprimento da devoção, sendo o representante do grupo, tanto diante dos demais grupos de Congado quanto diante da sociedade; os **Contramestres** têm como função a organização interna do grupo, sendo a ponte de informações entre o Mestre e os participantes, podendo tornar-se seu representante do grupo quando da ausência do Mestre; os **Porta-Bandeiras** são responsáveis por carregar as bandeiras dos Santos dos quais os grupos são devotos, abrindo caminhos para os cortejos; e os **Dançantes** são os participantes de cada grupo nas manifestações e são responsáveis pelo coro de respostas nas músicas e louvações. Essas funções são hierárquicas e seguem regras de comportamento fundamentadas na história de cada grupo³.

Na cidade de Bocaiúva, o Congado é representado apenas pela figura dos Ternos de Catopês⁴. Segundo Martins (1988), durante a realização dos festejos “a função do **catopê** na Irmandade é alegrar o ambiente, oferecer boa música e divertir o povo com loas e cantos irônicos ou chistosos. Na falta do maçambique, cabe-lhe, de direito, puxar o seqüito real” (MARTINS, 1988, p. 31).

representativa do Congado porque ele é a reunião apenas dos Mestres e Capitães dos grupos, e possui funções diferenciadas nos Rituais e Festas, não sendo uma “Guarda” ou “Terno” específico da devoção.

² Os santos a que os grupos de Congado do Estado de Minas Gerais são devotos são: São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Divino Espírito Santo, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês e Nossa Senhora Aparecida.

³ Na cidade de Bocaiúva, os participantes dos grupos de Catopês e pessoas da sociedade chamam os seus comandantes pelo termo Mestre. Nesse sentido, neste trabalho, optamos por utilizar esse termo quando nos referirmos aos Ternos de Congado da Cidade de Bocaiúva, esse termo.

⁴ Quando nos referirmos especificamente aos grupos de Catopês da cidade de Bocaiúva, optaremos por utilizar o termo “Terno”, assim como são chamados e reconhecidos por seus praticantes e pela sociedade bocaiuvense.

Existem, atualmente, dois Ternos de Catopês na cidade de Bocaiúva: o Terno de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, comandado pela Mestre Lucélia Pereira; e o Terno do Divino Espírito Santo, comandado pelo Mestre Jocelino Rodrigues. Ambos revivem as Festas e manifestações celebradas por seus antepassados há mais de 150 anos.



Foto 1 – Terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito
Fonte: Coleta em pesquisa de campo por Jarbas Siqueira Ramos



Foto 2 – Terno de Catopês do Divino Espírito Santo.
Fonte: Coleta em pesquisa de campo por Jarbas Siqueira Ramos

De acordo com Queiroz (2005), as Festas criam o espaço propício para expressar a fé e devoção a São Benedito, Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário⁵, rememorando as formas de fazer dos antepassados e reafirmando os laços sociais constituídos em sua história. Assim, os Ternos de Catopês de Bocaiúva vivenciam a Festa do momento preparando o próximo festejo, cumprindo os contratos morais estabelecidos pela história dos seus antepassados e pelos ensinamentos dos ancestrais. A organização dessas celebrações segue uma mesma Dinâmica Ritual composta de espaços, símbolos, representações e ações que promovem a ligação do mundo material com o mundo do sagrado.

No contexto das Festas dos Catopês de Bocaiúva, são revividos os passos dos antepassados celebrando a fé e a devoção aos santos a partir da (re)criação de um novo mundo, celebrados no convívio social e na prática ritual. Para os Ternos de Catopês, os calendários das festas marcam as grandes ocasiões de suas vidas.

A recriação do espaço da Festa é uma forma de reavivamento da memória, de reencontro com as tradições e de manutenção da Dinâmica Ritual, com toda sua complexidade de significados. Nos diversos espaços da Festa, seja a casa, a rua ou a Igreja (BRANDÃO, 1989), os Ternos de Catopês de Bocaiúva celebram e organizam as suas vidas nos rituais em devoção aos santos congadeiros. Festejar é, portanto, uma dinâmica que mantém os Ternos de Catopês de Bocaiúva identificados ao próprio sentido de suas existências.

As Festas dos Catopês de Bocaiúva apresentam uma complexa e densa Dinâmica Ritual composta de levantamentos de mastros, cumprimento de promessas, missas, novenas, procissões, cortejos, coroações de reis e rainhas, príncipe e princesas, imperador e imperatriz, banquetes coletivos, leilões, apresentações com cantos e danças, e folguedos. Cada uma das etapas desse Ritual Festivo⁶ possui uma simbologia e significação para esses sujeitos.

O Ritual Festivo a que nos referimos é constituído por um sistema de relações e ações sociais que, segundo Turner (1974), é capaz de produzir e emitir mensagens simbólicas sobre a sociedade e seus próprios agentes. Na Dinâmica desse Ritual Festivo, os sujeitos realizam as suas funções de maneira performativa (TAMBIAH, 1985), buscando expressar o sentimento que têm de si mesmo e de sua unidade, revivificando os elementos mais essenciais de sua consciência coletiva, como nos aponta Durkheim (1996).

⁵ Na cidade de Bocaiúva não existem os festejos de Santa Efigênia e Nossa Senhora das Mercês, outros santos festejados pelas Irmandades de negros no catolicismo popular mineiro.

⁶ Conceituamos Ritual Festivo nos Ternos de Catopês de Bocaiúva como as práticas e processos vivenciados pelos sujeitos em função da realização ou durante a realização das Festas.

No Ritual Festivo, os Ternos de Catopês fundem para si um mundo vivido e um mundo imaginado, produzem uma transformação idiossincrática da realidade, podendo recolher sem desintegrar tanta diversidade de idéias e interesses e condensá-la em elementos básicos de significação. Segundo Mendes (2004), “a construção dos ambientes rituais representa as interligações, as conexões que são estabelecidas para a sustentação da crença e a possibilidade de uma comunicação com o sagrado” (MENDES, 2004, p. 64).

De acordo com Brandão (1985), cada um dos momentos vivenciados durante a realização das Festas possui uma ordem de dias, momentos, condutas, e práticas que são seguidas, tradicionalmente, pelos agentes da Festa. Para ele, essa ordem de atividades produz um sistema de modos codificados de inclusão e participação na Festa, que definem as ações e formas de atuação de cada um dos agentes, seja no espaço ou momentos em que ela acontece.

É essa relação entre a crença dos Ternos de Catopês de Bocaiúva e a experiência do rito, vivenciada nos ciclos das Festas, onde é desenvolvido o sentimento de fé e devoção, que possibilita a manutenção da prática ritual e dos significados assimilados pelos grupos. Nesse sentido, são os próprios Rituais Festivos dos Catopês de Bocaiúva que indicam a visão de mundo narrada nos enredos, sendo transmitidos de uma geração a outra mediados pela memória coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas/ SP: Papyrus, 1989.

_____. *A festa do santo de preto*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção Tópicos)

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Negras raízes mineiras: os arturos*. Juiz de Fora, Ministério da Cultura: EDUFJF, 1998.

LUCAS, Glaura. *Os sons do Rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARTINS, Saul. *Congado, família de sete irmãos*. Belo Horizonte: SESC, 1988.

MENDES, Jean Joubert Freitas. *Música e religiosidade na caracterização identitária do Terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário do Mestre João Farias em Montes Claros – MG*. 2004. 230 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. *Performance musical nos ternos de catopês de montes claros*. 2005. 236 f. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.

TAMBIAH, S. J. *Culture, Thought, and Social Action: An Anthropological Perspective*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985.

TURNER, Victor W. *From ritual to theatre: the human seriousness of play*. New York: PAJ Publications, 1982.

_____. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis/RJ: Vozes, 1974.